

OS PURHÉPECHA DO ESTADO DE MICHOACÁN (MÉXICO)

Dinâmicas territoriais e trânsitos migratórios*

Autora: Rosani Moreira Leitão
(Museu Antropológico /Universidade Federal de Goiás)*

RESUMO

O trabalho discute dinâmicas territoriais e trânsitos migratórios vivenciados pelo povo Purhépecha do Estado de Michoacán, no México, dando ênfase às comunidades que vivem na Região da Meseta (Purhépecha), uma das quatro sub-regiões que compõem o território Purhépecha. Serão abordadas, sobretudo algumas formas de organização e uso deste território, bem como os constantes deslocamentos de pessoas que ali vivem em busca de trabalho.

Palavras-chave: Purhépecha - Território - Migração

Considerações Preliminares

O trabalho aborda dinâmicas territoriais e trânsitos migratórios vivenciados pelo povo Purhépecha do Estado de Michoacán (México), dando ênfase às comunidades que vivem na Região da Meseta (Purhépecha), uma das quatro regiões que compõem o território Purhépecha, conforme será demonstrado adiante. Serão abordadas, sobretudo algumas formas de organização e uso deste território, bem como os constantes deslocamentos de pessoas que ali vivem em busca de trabalho.

Atualmente, existe no México mais de 50 povos indígenas que somam uma população aproximada de 10 milhões de pessoas, o que (considerando apenas os dados oficiais) corresponde por volta de 10% dos 95 milhões de mexicanos. Além dos povos indígenas nativos, reconhecidos oficialmente, o Estado mexicano, atualmente abriga outros grupos indígenas refugiados da guerra civil na Guatemala.¹ Segundo Bartolomé, não é fácil ter uma

* Versão preliminar de texto aprovado para apresentação oral na 26ª. Reunião Nacional da Associação Brasileira de Antropologia, em Porto Seguro, Bahia, Brasil, de 01 a 04/06/2008, no GT - Povos Indígenas: Dinâmica Territorial e Contextos Urbanos, coordenado por Fábio Mura (Laced) e Maria Fátima Roberto Machado (UFMT). A pesquisa que deu origem às reflexões, ora apresentadas, contou com o apoio das seguintes instituições: CEPPAC/UnB (Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas da Universidade de Brasília), MA e PRPPG/UFG (Museu Antropológico e Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e CIESAS (Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social – México).

* Doutora em Antropologia (Estudos comparados sobre América Latina e Caribe) pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas / Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Pesquisadora e coordenadora da Divisão de Antropologia do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás.

¹ Nolasco também ressalta a entrada de grande contingente de imigrantes indígenas refugiados da Guatemala, Honduras e El Salvador, que em 1995 já se aproximava de 300 mil e que aumentava ou diminuía conforme a

definição precisa da população indígena no México, pois isso dependerá de quantos sejam definidos ou se assumam enquanto tal e das fontes estatísticas consultadas². Este autor aponta uma extraordinária recuperação demográfica, em termos absolutos, da população indígena mexicana nas últimas décadas, que no caso do povo Maia peninsular chegou a triplicar nos últimos quarenta anos. O aumento populacional indígena, de acordo com Bartolomé, além de favorecer a organização das identidades coletivas, aponta para um presente e um futuro no qual a presença indígena, tanto física como cultural, no México, é uma realidade³.

A população indígena do país está distribuída em todos os 31 Estados mexicanos e também no Distrito Federal⁴. Muitos destes grupos indígenas localizam-se ainda hoje nos seus territórios de origem, como é o caso dos Purhépecha, que viviam no ocidente do México. Alguns Estados, ainda que tradicionalmente não tivessem uma população indígena, contam hoje com grande número de imigrantes⁵. A despeito dos esforços de aculturação empreendidos no passado pelas políticas governamentais, a maioria dos povos indígenas conseguiu manter e reproduzir, uns mais, outros menos, os seus modos tradicionais de vida e suas línguas maternas, ao mesmo tempo em que se adaptam às mudanças introduzidas pelo contato com a cultura ocidental. Assim, existem de acordo com Bartolomé, 57 línguas indígenas faladas no México; o que coincide com o número aproximado de etnias indígenas do país⁶. Entretanto, o autor chama a atenção para as grandes perdas culturais resultantes de uma política oficial e de um projeto de nação que pretendeu abolir as identidades e culturas indígenas como condição para ascender à modernidade. Assim, ele apresenta um quadro da situação lingüística indígena no país, que é resultado deste esforço aculturativo, o que levou muitas das sociedades indígenas a contarem hoje com pouquíssimos falantes jovens das suas línguas maternas⁷.

dimensão dos conflitos e da violência decorrente desta guerra civil (Nolasco, Margaritta. *Los Índios Refugiados de la Frontera Sur*. Ob. cit., pp. 178-208.).

² Bartolomé, M. A. *Gente de Costumbre y Gente de Razón*. Oaxaca/México: INI, 1996 ob cit. p. 23,1996.

³ Os dados documentais e etnográficos que subsidiaram a escrita desse texto referem-se a pesquisas e consultas realizadas, em distintas fontes, em 2004, na cidade do México e no Estado de Michoacán. As fontes disponíveis sobre o assunto são variadas e nem sempre coincidem quanto aos dados populacionais e lingüísticos, sendo que algumas fontes mencionam uma população indígena acima de 13% do total da população do país. Assim, vários fenômenos recentes como a etnogênese, o auto-reconhecimento, bem como mudanças nos procedimentos de contagem populacional podem provocar uma alteração desses números em pesquisas mais recentes.

⁴ Dados populacionais de 1995, apresentados pela Secretaria de Desenvolvimento Social no documento MÉXICO/SEDESOL. *Perfil de los Pueblos Indígenas de México*. México: SEDESOL, 2001, encontrado no site/sítio: www.sedesol.gob.mx.

⁵ MÉXICO/SEDESOL. *Perfil de los Pueblos Indígenas de México*. México: SEDESOL, 2001, consultado no site/sítio: www.sedesol.gob.mx.

⁶ Estas línguas estão ligadas a 11 troncos, 13 famílias, 06 subfamílias (sedesol, ob. cit., 2000).

⁷ Bartolomé, M. A. *Gente de Costumbre y Gente de Razón*. Oaxaca/México: INI, 1996.

O Povo Purhépecha e o Seu Território

O povo Purhépecha vive num total aproximado de 100 comunidades distribuídas em uma área de 77.784 Km², localizados em 22 municípios do Estado de Michoacán, no Ocidente do México. Supõe-se que seriam um povo seminômade, que chegou à região onde se encontra instalado há mais de mil anos e empreendeu uma expansão até as margens do Lago de Pátzcuaro, onde, após disputar territórios com outros povos, conseguiu dominar o espaço e estabelecer alianças com grupos agricultores e pescadores que ali habitavam⁸.

Segundo testemunhos pré-hispânicos e registros históricos, os Purhépecha contemporâneos são herdeiros de um Estado pré-hispânico – altamente centralizado, do ponto de vista político-administrativo, em Tzintzuntzan / Pátzcuaro, Ihuatzio e Zacapu – que se instalou e se expandiu entre os séculos XII e XV, chegando a ocupar um território que se ia além dos limites geográficos do atual Estado de Michoacán, abarcando também parte dos estados de Guerrero, Jalisco e Colima. Teria sido o único povo *mesoamericano* a não se submeter à dominação do império Asteca. Também de natureza guerreira e expansionista, como os Asteca, no século XII os Purhépecha se instalaram na região onde se encontram hoje, de onde se expandiram, conquistaram e absorveram outros povos locais submetendo-os aos seus domínios por meio da cobrança de tributos, tais como: lenha e madeira, milho e outros cultivos, metais, animais e plantas, artesanatos e produtos têxteis, “objetos santuários” e recursos estratégicos como a obsidiana e o sal⁹.

Segundo os registros coloniais, esta hoje chamada “zona étnica nuclear”, que teria sido a sede do “estamento aristocrático dominante” do império Tarasco, se manteve “lingüísticamente pura” até 1750. Posteriormente seria alvo da primeira política colonial de espanholização / castelhanização, e, a partir desta sofreria uma fragmentação regional e entraria em declínio.

A fragmentação territorial, introduzida pelo poder colonial espanhol, visava a consolidação deste poder através da implementação de atividades produtivas e da adoção da “*encomienda*” (um tipo de imposto colonial). Mas, a total administração do espaço conquistado não foi atingida, visto que recorria à estrutura de cobrança de tributos já existente, por meio de alianças com a nobreza Purhépecha / Tarasca. Entretanto, em virtude da intervenção espanhola, foram introduzidas drásticas mudanças no padrão de assentamento da população local, que, de natureza relativamente dispersa, salvo as exceções dos pólos

⁸ Página Purepécha. Ob. Cit. 19 de março de 2003.

⁹ Povos como os *tecos* e *pirindas* foram assimilados enquanto outros como os *matlatzincas*, *mazahuas*, *otomíes*, *pames* e *nahuas* foram segregados e mantidos fora de suas fronteiras etno-políticas como intermediários entre e os inimigos de guerra (México/Sedesol. Ob. cit., 2001.).

urbanos administrativo-político-religioso, que abrigavam as linhagens dominantes; passa a ser congregado em “*caseríos españolizados*” de povoamento compacto que abriga um campesinato indígena administrado pelas novas instituições civis e religiosas, tais como as “*repúblicas de índios*” e “*comunidades de índios*”¹⁰.

Os Purhépecha são falantes da língua purhépecha (também chamada de *purépecha* *p'orhépecha* e *p'urhépecha*). Esta língua possui variantes dialetais, de acordo com a região onde é falada, e é classificada como uma língua isolada, que não pode ser associada a nenhuma outra, apesar de compartilhar algumas características com os idiomas *zuni* (falado nos Estados Unidos) e com o *quéchua* (falado no Peru)¹¹. Apesar disso, as semelhanças com qualquer outra língua podem ser interpretadas, segundo os especialistas, apenas como empréstimos, não sendo suficientes para definir parentesco lingüístico¹².

Os Purhépecha atuais são considerados bilíngües, sendo que a intensidade do uso da língua indígena difere de um município ou povoado para outro. Como outros povos indígenas das Américas, eles vivenciaram (muitas vezes ainda vivenciam) situações em que prefeririam / preferem não usar o idioma materno para evitar situações discriminatórias¹³. Além de muitos depoimentos ouvidos e atitudes observadas em campo (no decorrer da pesquisa etnográfica, que forneceu os dados para a elaboração deste texto) vários estudiosos ressaltam a ocorrência de atitudes em que o uso da língua indígena é valorado negativamente, quando comparado ao espanhol. Este é o caso de pais de famílias que, mesmo não sendo capazes de se expressarem fluentemente em espanhol, se empenharam para que seus filhos falassem esta língua desde os primeiros anos de vida, pois acreditavam que assim teriam melhores oportunidades de inserção e ascensão social na sociedade mais ampla. Entretanto, pode-se dizer que os Purhépecha são predominantemente bilíngües dominado, além da sua língua materna, o purhépecha, e também a língua nacional mexicana, o espanhol. Além disso, comparando com a situação dos povos indígenas brasileiros, que só recentemente têm tido acesso a processos mais contínuos de escolarização, eles possuem já uma longa experiência no se refere ao uso da escrita, que adquire, na região onde vivem, significativa funcionalidade.

¹⁰ Aguirre Beltran, Gonzalo. *Obra Antropológica IX - Regiones de Refugio: El Desarrollo de la Comunidad y el Proceso Dominical en Mestizoamérica*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1991.

¹¹ São atribuídos à língua Purhépecha pelo menos três dialetos distintos, além de pequenas outras variantes lingüísticas, dependendo da região. As variações dialetais mais marcantes referem-se à sub-região do Lago de Pátzcuaro e da Meseta Purhépecha (Instituto Lingüístico de Verano. “*Familia Tarasca –Purhépecha (p'orhepecha, p'urhépecha)*”. Texto consultado em setembro de 2004 no seguinte endereço: <http://www.sil.org/mexico/23e-Lenguas.htm>).

¹² Instituto Lingüístico de Verano. Ob. Cit. (<http://www.sil.org/mexico/23e-Lenguas.htm>).

¹³ Cf. Aguirre Beltran, Gonzalo. *Obra Antropológica IX - Regiones de Refugio: El Desarrollo de la Comunidad y el Proceso Dominical en Mestizoamérica*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1991 Ob. Cit., 1991 e *Obra Antropológica XII – Lenguas Vernáculos*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1993.

Existem registros escritos na língua purhépecha desde o século XVI, em forma de dicionários, gramática e textos bíblicos. Além disso, não é difícil encontrar na região materiais atuais escritos nesta língua, que vão desde livros didáticos a livros de literatura de autoria de escritores indígenas, textos em páginas da internet, livros de poesias e de letras de músicas (*pirekuas*), até cartazes e anúncios de eventos, freqüentemente expostos em locais públicos¹⁴. Outros canais de comunicação também fazem uso da língua purhépecha na região, tais como a XEPUR (emissora de rádio bilíngüe), cadernos e encartes de jornais locais que contam com espaços reservados para notícias escritas em purhépecha. Também existem centros de estudos acadêmicos da língua em universidades (como a Universidade Michoacana San Nicolas Hidalgo/UMSNH e o Colégio de Michoacán). Além disso, eventualmente ocorrem missas rezadas em purhépecha, inclusive na Catedral da cidade de Pátzcuaro, e uma grande e variada quantidade de CDs e fitas cassete com músicas de cantores nativos, pode ser facilmente encontrados nas feiras, mercados e lojas das cidades e *pueblos* (povoados) da região¹⁵.

Os dados populacionais disponíveis não dão um número preciso para a população Purhépecha atual, pois se baseiam no número de falantes de língua indígena e, mesmo assim, até meados da década de 1990, não incluía a população infantil de zero a quatro anos de idade. De qualquer forma, de acordo com o documento "Perfil de los Pueblos Indígenas de México", o Estado de Michoacán está entre aqueles que possuem mais de 100 mil falantes de língua indígena, sendo que mais de 99 mil, ou cerca de 82,5% destes, são falantes da língua e, pertencentes, portanto, à etnia Purhépecha¹⁶. O documento intitulado "Indicadores Socioeconômicos de los Pueblos Indígenas de México, 2002" elaborado pelo Instituto Nacional Indigenista, também oferece dados baseados nas estatísticas oficiais sobre o assunto e menciona 121 mil falantes de língua indígena no Estado de Michoacán, sendo que 109 mil destes falam o idioma Purhépecha.

O censo de população realizado no México no ano de 1995, passa a considerar outras variáveis além do critério "falante de língua indígena", o único considerado até então para

¹⁴ A capacidade que têm os Purhépechas de se apropriarem de aspectos da sociedade envolvente é visível, sobretudo, nas dezenas de canções com temas e ritmos musicais ocidentais que são cantadas em língua purhépecha, o que confere a esta língua maior funcionalidade e uma ampliação dos seus espaços de uso, uma vez que extrapola as esferas privadas e adquire relevância regional e atingindo melhor status, com relação às outras línguas indígenas locais. Além disso, eles contam com textos didáticos em língua Purhépecha, elaborados e distribuídos gratuitamente pela Secretaria de Educação Pública, que são usados em todas as suas escolas. É o caso da série didática: *P'urhepecha Jimpo: lengua Purépecha (primer, segundo y tercero grados)*. México: SEP/Comisión Nacional de los Livros de Texto Gratuitos, 1999 (Notas de campo - março a setembro de 2004).

¹⁵ A rádio Xepur é uma emissora de rádio bilíngüe. É mantida pela CDI (antigo INI) e sua programação é feita em Espanhol e Purhépecha. Ela está localizada no município de Cherán, na Meseta Purhépecha, no Estado de Michoacán, e é ouvida principalmente na região da Meseta, mas também em toda a região Purhépecha.

¹⁶ México/Sedesol. Ob. cit., 2000, consultado em maio de 2003 (www.cdi.gob.mx/ini/perfiles/nacional/).

definir populações indígenas. Passam a serem considerados outros critérios, tais como o auto-reconhecimento e o pertencer a uma família ou viver em uma residência cujo chefe ou cônjuge fala uma língua indígena. Além disso, documentos mais recentes também passam a incluir os falantes de até quatro anos de idade, anteriormente excluídos¹⁷. Assim, alguns documentos elaborados ou atualizados a partir de dados oferecidos pelo censo populacional de 1995, tais como o “Perfil de los Pueblos Indígenas de México” apontam uma população Purhépecha de 174.068 (computando todos os residentes cujos chefes ou cônjuges falam uma língua indígena) e uma população de falantes do idioma Purhépecha de 129.275 pessoas.¹⁸

Deduz-se, entretanto, que esta população seja bem maior, visto que, de acordo com ambos os documentos citados, principalmente nas cidades e zonas mais urbanizadas grande parte da população jovem não fala o idioma materno¹⁹.

Cabe ressaltar que, diferentemente do Brasil, onde geralmente as categorias terra indígena e reserva indígena remetem a populações indígenas específicas – o que permite, de modo geral, a classificação como indígena de determinada etnia, o total da população que vive em determinada terra indígena – no México, as áreas indígenas (*tierras comunales* e *ejidos*²⁰), estão muitas vezes situadas em aglomerados urbanos ou nos seus arredores, como é o caso dos Purhépecha. Nesses espaços, a população indígena e não-indígena se confundem e se mesclam entre si, sendo ainda o número de falantes de alguma língua indígena o principal critério de distinção para definir um *pueblo* ou município como indígena ou não, ou como mais ou menos indígena²¹.

Estas comunidades vão desde as comunidades agrárias, até as *Cabeceras municipales* (sede dos municípios) e cidades médias regionais, sendo que o referido idioma é mais usado nas primeiras do que nas outras. Por isso, embora já não seja o único critério, a língua indígena no México ainda é tomada como um importante fator de definição de um indivíduo ou de uma população como indígena, enquanto no Brasil o viver em uma terra indígena, e,

¹⁷ Cf. Carreto, Enrique S.; Ham, Patrícia F. & Osório, Arnulfo A. (Coord.) Indicadores Socioeconómicos de los Pueblos Indígenas de México, 2002. México: INI/UNDP/CONAPO, 2002.

¹⁸ Perfil de los Pueblos Indígenas de México, consultado em abril de 2005 (cdi.gob.mx/ini/perfiles/nacional/).

¹⁹ Quadro 11 e Considerações sobre os censos e o critério lingüístico (em: Carreto, Enrique S.; Ham, Patrícia F. & Osório, Arnulfo A. (Coord.). Indicadores Socioeconómicos de los Pueblos Indígenas de México, 2002. México: INI/PINUD/CONAPO, 2002, p. 67 e p. 17).

²⁰ As terras indígenas no México podem ser *tierras comunales* ou *ejidos*. As primeiras referem-se a terras tradicionalmente ocupadas por populações indígenas e que receberam da coroa espanhola, no período colonial, o direito legal de ali permanecerem. O ejido é uma categoria posterior à revolução mexicana de 1910, previsto na Constituição Federal do México em 1917, que prevê distribuição de terras anteriormente apropriadas pelas *haciendas*, às comunidades camponesas, indígenas ou não.

²¹ No caso dos Purhépecha, segundo o censo de 1995, 716.806 pessoas de cinco anos ou mais vivem em municípios e povoados da região purhépecha. Dessas, 95.520 têm o purhépecha como língua materna, sendo que o maior número de falantes vive no município de Chilchota (14.077), seguida por Uruapan (13.264) e Paracho (10.438). Cabe ressaltar que, ao mesmo tempo em que existem comunidades onde a quase totalidade de seus habitantes é falante da língua indígena, em outras apenas uma pequena minoria a domina.

principalmente auto-identificar-se como indígena, é considerado como critério de distinção étnica tanto quanto falar ou não uma língua indígena²².

A maior concentração da população purhépecha encontra-se em onze municípios, situados nos limites territoriais das chamadas "*regiones geográfico-culturales del área purhépecha moderna*", que são compostas por quatro sub-regiões reconhecidas como regiões purhépecha tradicionais, ou como uma antiga zona étnica que, no período pré-hispânico, teria dado sustentação ao reino Purhépecha ou Tarasco, como é mais conhecido²³.

As Quatro Sub-Regiões do Território Purhépecha

As sub-regiões nas quais se localizam os municípios, cujos territórios estão situados na zona purhépecha tradicional e abrigam o maior número de habitantes Purhépecha, são: a) *Meseta Purhépecha*, onde estão situados os municípios de Charapan, Cherán, Nahuatzen e Paracho; b) *Cañada de los Once Pueblos*, no município de Chilchota; c) a *Ciénaga de Zacapu*, onde estão os municípios de Zacapu e Coeneo, e d) *Región del Lago de Pátzcuaro*, que abriga os municípios de Patzcuáro, Tzintzuntzan, Eronguaricaro e Quiroga)²⁴.

²² Cf. MÉXICO/SEDESOL. Perfil de los Pueblos Indígenas de México [Pueblo Purhépecha]. Ob. cit. Se fizermos, por exemplo, uma um paralelo com os Terena no Brasil, teremos o seguinte quadro: existem aproximadamente 25 comunidades cuja maioria se localiza em terras indígenas; em aldeias formadas de população reconhecida como Terena, independente de falarem, ou não, a língua Terena. Já nos 22 municípios da denominada região purhépecha, existem cerca de 717 *localidades* (assentamentos) das quais 262 possuem pelo menos um falante da língua purhépecha, sendo que, quanto mais urbanizada a localidade ou o município, menor é o número de falantes do idioma mencionado (Leitão, R. M Escola Identidade Étnica e Cidadania: comparando experiências e discursos de professores Terena (Brasil) e Purhépecha (México), UNB: Brasília, 2005).

²³ Segundo as estimativas oficiais, a população indígena do Estado de Michoacán é de 154.786, incluindo, além dos Purhépecha, os Nahuatl, Otomi e Mazahua e ainda outros grupos minoritários não especificados – que representaria aproximadamente 11% dos falantes de língua indígena do Estado (Carreto, Enrique Serrano, Osório, Arnulfo Ambríz e Han, Patricia Hernandez (Coord.) Indicadores Socioeconômicos de los Pueblos Indígenas de México, 2002. INI/PINUD/CONAPO, 2002, P. 53). Estes Povos vivem principalmente em três regiões geográfico-culturais do Estado: Os purhépechas, na região Centro-Norte, os Otomi e Mazahua, situados na região oriente, nos municípios de Hidalgo, Maravatío, Ocampo, Senguio e Zitácuaro (nos limites com o Estado de México) e os Nahuatl, que vivem no município de Aquila (na costa do pacífico). Os Purhépecha representam por volta de 90% desta população (Tello Díaz, Carlos. *Formas de Gobierno en las comunidades indígenas de México*. <http://deceyec.ife.org.mx>, divulgada em 20 de abril de 2005 e consultada em 18 de maio do mesmo ano).

²⁴ Os 22 municípios do Estado de Michoacan situados na considerada “Região Purhépecha moderna”, caracterizados pela presença de falantes do Purhépecha, são os seguintes: Charapan, Cherán, Nahuatzen, Paracho, Chilchota, Patzcuáro, Eronguaricaro, Quiroga e Tzintzuntzan, parte de "Los Reyes", Peribán, Tancítaro, Nuevo Parangaricutiro, Uruapan, Tingambato, Salvador Escalante, Tangamandapao, Tangancicuaro e Zacapu (MÉXICO/SEDESOL. Perfil DE LOS Pueblos Indígenas de México. México:SEDESOL, 2001, consultado em março de 2003 no sítio/site: ww.gob.mx/sep/).

Além das comunidades instaladas nos principais municípios e *pueblos* da região purhépecha, existem comunidades e famílias que vivem em bairros de centros urbanos maiores, tais como as cidades de Uruapan e Morélia, esta última, a capital do Estado²⁵.

A subdivisão em quatro regiões, embora não coincida com a divisão geopolítica dos municípios, toma como referência o conhecimento local e a existência de um suposto território tradicional do “*pueblo o nación purhépecha*” e é usada para referir-se a regiões supostamente “*cultural e politicamente unificadas*”, que foram “*reemplantadas*” a partir de um movimento de reavivamento étnico iniciado por lideranças purhépecha na década de 1970. Este movimento tinha como objetivo mudar a visão política da paisagem e integrar, em uma mesma região, territórios que haviam sido antes fragmentados pela política colonial de uso do espaço e, posteriormente, pelo Estado mexicano²⁶.

A compreensão do território purhépecha como quatro regiões distintas, toma como referência diferenças na configuração político-histórico-cultural local (tais como festividades, peculiaridades dialetais, etc.), bem como em características ecológico-ambientais de cada sub-região²⁷. Trata-se de uma extensa área que possui características muito variadas, contando com solos porosos, serras e terras baixas, regiões alagadas, clima temperado e regiões frias e quentes. Estas características são decorrentes de ações vulcânicas, que resultaram numa grande permeabilidade das águas pluviais e na existência de uma variedade de eco-sistemas compostos por *bosques*, terras cultiváveis e recursos aquíferos (como os lagos de Pátzcuaro e Zirahuen, a lagoa de Zacapu e o rio Duero).²⁸

Esta variedade possibilita alternativas econômicas distintas, de acordo com os recursos naturais disponíveis e a maneira que as comunidades organizaram/organizam seus modos de vida, suas alternativas de subsistência, bem como suas manifestações culturais. Sobre tudo do ponto de vista geográfico e econômico, as sub-regiões purhépecha estão associadas às alternativas distintas de adaptação das comunidades às condições ecológicas e ambientais, bem como com as possibilidades que oferecem em termos de recursos naturais (terras agrícolas e cultivo de determinados produtos,

²⁵ Segundo informações obtidas durante as festividades de Corpus Christi, no bairro de Vergel, na cidade de Uruapan, a comunidade que vive neste bairro é, na sua maioria, purhépecha e tem como origem o antigo *pueblo* de San Juan de Parangaricutiro, abandonado na ocasião da erupção do vulcão de mesmo nome, ocorrida em meados da década de 1940. Segundo estas informações, a maioria da população desalojada na ocasião se reinstalou onde hoje é denominado de San Juan Nuevo de Parangaricutiro (também na Meseta Purhépecha), enquanto outros buscaram outros locais para viverem como é o caso dos que hoje habitam bairros da cidade de Uruapan (Notas de campo, obtidas em junho de 2004).

²⁶ México/SEDESOL, Ob. cit., 2003.

²⁷ MÉXICO/SEDESOL. Perfil de los Pueblos Indígenas de México. México: SEDESOL, 2001.

²⁸ Dietz, Gunther. “La Comunidad Purhépecha como Cultura Híbrida: regionalizaciones y localizaciones del “Indígena” en México”, *Diálogos Latinoamericanos*, V. 3, pp. 3-42, Dinamarca, 2001.

faunas lacustres, uso dos bosques, confecção de tipos específicos de artesanatos para o uso e para a venda).

A Constituição e os Distintos Usos do Território Purhépecha

Os efeitos da colonização espanhola não ocorreram da mesma forma em todas as sub-regiões purhépecha, o que resultou em um grau diferenciado de influência colonial, que variava de acordo com os interesses espanhóis diante das facilidades de ocupá-las e nelas desenvolver atividades produtivas.

O alto relevo, a pouca quantidade de terra própria para a agricultura e o clima frio da Meseta Purhépecha, por exemplo, não incentivavam empresas coloniais, o que resultou numa colonização incipiente de suas terras, sendo que, mesmo no início do século XIX, ainda não tinham sido atingidas pela expansão das grandes propriedades rurais. A região do Lago de Pátzcuaro, ao contrário, foi vista como possuidora de locais estratégicos para a instalação dos centros administrativos coloniais. Além disso, fazendas incentivadas pelos primeiros governos liberais rapidamente se expandiram sobre as terras purhépecha, o que resultou numa série de conflitos, que tiveram início na década de 1920 e seguiram durante todo o século, envolvendo fazendeiros que desejavam a privatização das terras comunais e das “comunidades de índios”. Apesar disso, esses movimentos não resultaram numa total desapropriação das terras comunais, resultando, graças à resistência indígena, em processos de negociação que permitiram a continuidade e o controle das comunidades sobre grande parte de suas terras.²⁹

Assim, até no final do século XIX e início do século XX, a paisagem das regiões serranas (Meseta Purhépecha) seguia sem muitas alterações. Entretanto, a partir de então a penetração capitalista começa a ocorrer, não por meio de implantação de fazendas, mas através da construção de estradas de ferro, ligando Morélia a Pátzcuaro e Pátzcuaro a Uruapan e Los Reyes. Posteriormente, também foram instaladas fazendas açucareiras em Los Reyes e Taretan. Ambos os acontecimentos contribuíram para uma alteração significativa das paisagens desta região. A construção de estradas de ferro motivou a exploração da madeira dos *bosques* para a construção de “*dormentes*”. Algumas companhias se instalaram na Meseta e passaram a controlar os recursos florestais através de arrendamentos e compra de partes dos *bosques*, usando muitas vezes, de métodos persuasivos.³⁰

Nas outras regiões purhépecha foi estimulada a expansão produtiva das fazendas, o que mudou a paisagem anterior devido a adoção de técnicas como a dessecação dos pântanos

²⁹ Cf. MÉXICO/SEDESOL. Perfil de los Pueblos Indígenas de México, 2001.

³⁰ Cf. MÉXICO/SEDESOL.. Ob. Cit.

da Ciénega de Zacapu e de Chapala e a irrigação dos terrenos. Essas medidas permitiram a ampliação da fronteira agrícola capitalista no Estado de Michoacán, que, ainda hoje, é considerado agrícola, caracterizado pela agro-indústria voltada para a exportação.

No contexto da Revolução Mexicana de 1910, outras mudanças foram introduzidas, como respostas a movimentos revolucionários de trabalhadores indígenas e não-indígenas (*mestizos*) em Zacapu e Pátzcuaro, influenciados por idéias comunistas, somados ao movimento camponês *Liga de Comunidades y Sindicatos Agraristas del Estado de Michoacán*, que reivindicavam reforma agrária no Estado. Esses movimentos, entre 1915 e 1940, motivaram a restituição das terras comunais, das quais as comunidades haviam sido desapropriadas, e na doação de *ejidos* aos povoados considerados “*mestizos*”. Havia dúvidas quanto à reconstituição legal da propriedade comunal, que era considerada anacrônica no âmbito do novo Estado “revolucionário e moderno”, assunto, inclusive, discutido pelo *Congreso Indigenista Interamericano*, ocorrido em Pátzcuaro em 1940. Ao mesmo tempo, o Departamento Agrário não concordava em diferenciar o tratamento em assuntos agrários para comunidades indígenas. No novo contexto legal do Estado mexicano, era o *ejido* a instituição legal, no que se referia ao acesso à terra. Mas os Purhépecha foram considerados dentro das poucas exceções em que a instituição da terra comunal seria mantida, tendo como base um Decreto de Lázaro Cárdenas, naquele momento, presidente da República. Apesar de empenhado em integrar o povo Purhépecha como cidadãos da nação mexicana com os mesmos direitos que os demais mexicanos, o Decreto anulava os contratos florestais abusivos e restituía os bosques para uso comum das comunidades. Este ato presidencial revitalizou o aspecto comunal da reforma agrária mexicana, que, em se tratando de populações indígenas, se sobrepôs ao modelo *ejidal*. Este último, embora *a priori* devesse ser a regra, passou a ser identificado com a posse da terra por comunidades camponesas, consideradas mestiças, apesar de atualmente muitas delas, devido ao fenômeno de etno-gênese, se auto-reconhecerem como indígenas³¹.

Nas últimas décadas, as regiões onde vivem as comunidades Purhépecha ficaram cada vez mais acessíveis e interligadas por estradas de asfalto (*carreteras*), o que favorece a unificação de povos indígenas e um desenvolvimento mais sofisticado dos mercados camponeses regionais, além de maior acesso a serviços de saúde e educação e a outras vantagens da urbanização, tal como a eletrificação rural³². Além disso, houve um maior apoio do Estado para a incrementação da economia *campesina*, para a exploração cooperativa dos

³¹ Cf. Carreto et al. Indicadores Socioeconómicos de los Pueblos Indígenas de México, 2002. Ob. cit.

³² Cf. MÉXICO/SEDESOL. *Perfil de los Pueblos Indígenas de México*. México: SEDESOL, 2001. Sobre esse assunto ver, também: Instituto Nacional Indigenista. *Estado del Desarrollo Económico y Social de los Pueblos Indígenas de México, 1996-1997 (Tomo I)*. México: INI/PNUD, 2000.

bosques e criação de empresas comunais, cujo exemplo atual de sucesso é o caso de San Juan Nuevo de Parangaricutiro, que conseguiu mudar o cotidiano, oferecendo oportunidades de emprego à maioria da população, diminuindo a migração e interferindo positivamente no orgulho étnico e na auto-estima das pessoas³³. A seguir, serão apresentados alguns dados etnográficos relativos às dinâmicas territoriais e migratórias, observados nas comunidades de San Isidro e Uringuitiro, duas comunidades da Meseta Purhépecha.

Dinâmicas Territoriais e Migração na Meseta Purhépecha: Os casos de San Isidro e Uringuitiro

As comunidades Purhépecha situadas nas regiões montanhosas vivem relativamente isoladas da sede administrativa ou *cabecera municipal*, do município de Los Reyes, estando mais próximas e contando com maior acesso aos serviços oferecidos por outros municípios como Charapan, Cherán, Paracho, Uruapan e Zamora³⁴. San Isidro e Uringuitiro possuem uma história comum que remonta ao período colonial. Fazem parte de um conjunto de treze comunidades serranas, de clima frio, situadas nas partes mais altas da Meseta Purhépecha (aproximadamente 2700 metros de altitude). As duas comunidades têm uma extensão territorial de 4000 hectares, sendo a maior parte formada de *zonas boscosas* e uma pequena parte de terras cultiváveis³⁵. Elas estão localizadas no pé da serra de Patamban (em nome Purhépecha: *K'eri juata*) no município de Los Reyes, Estado de Michoacán. Los Reyes possui uma população superior a 50.000 habitantes e a base de sua economia são as atividades agrícolas, principalmente o cultivo de cana e de frutas e a fabricação de açúcar e álcool.

Um conjunto de famílias das referidas comunidades, que vivia em Pamatácuaro, *pueblo* vizinho, se deslocou dentro da terra comunal de onde viviam para os locais onde vivem hoje, devido a ameaças ou ocorrência de invasões nos limites territoriais e dos *bosques*. Somando aproximadamente uma população de 100 pessoas, com o objetivo de conter tais invasões, estas famílias foram viver em diferentes lugares dispersos no alto da serra, onde consideravam necessário manter vigilância. Foi assim fundada a comunidade de *Jurhinhintiro*

³³ Informação pessoal de Gabriela Mier, pesquisadora da CREFAL, em julho de 2005, que naquele momento concluíu um diagnóstico da situação econômica e social da referida comunidade.

³⁴ Paracho tem uma população de 28.632 habitantes e está situado numa parte mais baixa das montanhas. Tem clima frio e sua economia é constituída de produtos agrícolas como milho, trigo, feijão e frutas, além de criação de gado, aves e abelhas. Cherán possui 14.870 habitantes e tem uma economia baseada na exploração madeireira dos *bosques* e em atividades agropecuárias. Charapán, com 10.617 habitantes, é a sede municipal mais próxima de San Isidro (a doze quilômetros). Também tem clima frio e conta com matas, cuja exploração, somada a agricultura e pecuária de subsistência, constitui a principal fonte de recursos da comunidade.

³⁵ As duas comunidades não se localizam entre as coordenadas 102°18', de longitude oeste e 19°44' de latitude norte. Ao norte, as duas comunidades fazem divisa com o *pueblo* de Patamban. Ao sul, com San Antonio e o município de Charapan, a leste com Santa Rosa, e a oeste com a comunidade de Jesús Díaz Sfrío.

(palavra, hoje, fonologicamente modificada para *Uringuitiro*), que significa, “*visualizar para uma parte baixa*”. Entretanto, lá praticamente não havia terras férteis, havia dificuldades de transportes e o acesso à água era muito difícil. Mas, ali viveram até os anos de 1940 quando, principalmente em busca de maior acesso à água, se deslocaram para uma parte mais baixa da serra, onde descobriram a existência de *norias* (fontes de água potável), um verdadeiro tesouro considerando a escassez de água existente na região³⁶.

Até 1957 os dois grupos estiveram juntos em um único povoado, que manteve o nome de Uringuitiro. A partir de então, se desmembraram. Devido a desentendimentos internos, a maioria das famílias se deslocou para uma distância aproximada de um quilômetro, formando San Isidro, um novo povoado, no lugar onde se encontra ainda hoje.³⁷

Uma das características das regiões mais altas da *Sierra Tarasca* ou *Meseta Purhépecha* é a escassez de água. Trata-se de uma região seca, apesar de coberta de *bosques* e muito chuvosa. Entre os meses de maio a outubro caem, praticamente todos os dias, densas chuvas e muito granizo. Entretanto, o solo não armazena a água. De acordo com alguns especialistas, essa é uma característica dos solos vulcânicos situados nos lugares altos da serra. Assim, praticamente toda a água da chuva escoar para as partes baixas, formando numerosos rios, cachoeiras, fontes e lagos, como é o caso da cidade de Uruapan e áreas lacustres da região³⁸.³⁹

De acordo com um dos principais interlocutores da pesquisa, apesar da aparência de *pueblo* tradicional (devido à preservação da língua materna e do modo de vida do povo), San Isidro não está organizado politicamente da mesma forma que a maioria das comunidades Purhépecha, através do tradicional *sistema de cargos*, que articula poder civil e religioso⁴⁰.

Sendo relativamente recente e tendo se reorganizado como *pueblo* no período pós-revolucionário – apesar de terem mantido a maioria dos costumes e práticas religiosas comuns

³⁶ Conversa informal gravada com Doña Carmen, em agosto de 2005.

³⁷ Segundo Ávila, o consumo de água na região da Meseta Purhépecha é um dos mais baixos do mundo, sendo de 12 litros de habitantes/dia, próximo ao valor mínimo para satisfação das necessidades vitais que é de oito litros (ÁVILA, Patrícia et al. *Regionalización e Movimientos de Población en Michoacán*. Estudios Michoacáños V, Zamora: Colégio de Michoacán - COLMICH, 1994, pp. 311 a 335). Foram feitas algumas tentativas para resolver o problema da escassez da água. Entre elas, a construção de um poço artesiano em San Isidro, com financiamento da SEDESOL (Secretaria de Desenvolvimento Social). Entretanto, por mais profundo que fosse o poço, não se alcançou a água. Em San Antonio, nos meses de julho e agosto de 2004, estavam fazendo uma nova tentativa e já tinham atingido a profundidade de 160 metros, quando chegaram à uma quantidade pequena de água. A notícia trouxe muita expectativa para todos os *pueblos* vizinhos, a despeito de não parecer suficiente para solucionar de vez o problema da falta de água.

³⁸ Ávila, Patrícia García. *Escasez de Agua em um Región Indígena: El caso de la Meseta purhépecha*. Michoacán: Colégio de Michoacán, 1996 e Bials, Ralph Larson. Cherán: um pueblo de la sierra Tarasca. Zamora, Mich.: El colegio de Michoacán / Instituto Michoacáño de cultura, 1999.

³⁹ Até a década de 70, além da madeira para extração de lenha, fabricação de móveis e de outros utensílios extraía-se também a seiva (*resina*) dos pinheiros, a qual era vendida para fabricantes de perfumes, detergentes etc. Mas já não sendo lucrativa, a atividade hoje está praticamente abandonada (Informação Pessoal fornecida por Abelardo Diego Nazário, em junho de 2004).

⁴⁰ Informações obtidas de Gerardo Alonso, em San Isidro, julho de 2004.

na região Purhépecha, desde que se desmembraram de Pamatácuaro – “*la comunidad madre*”, San Isidro e Uringuitiro adotam formas mais contemporâneas de administração, obedecendo a uma organização institucional, de caráter civil (e não civil-religiosa⁴¹), de acordo com a Ley Orgánica Municipal. São, assim, comunidades administradas por autoridades civis que estão hierarquicamente vinculadas ao poder municipal, o *ayuntamiento* de Los Reyes.

As duas comunidades, juntamente com várias outras que também vivem no alto da serra, continuam compartilhando com Pamatácuaro a mesma terra em regime comunal. Como Pamatácuaro, San Isidro é uma *Jefatura de Tenencia*, enquanto Uringuitiro e as outras comunidades menores possuem apenas o status de *Encargatura del Orden*. Na hierarquia administrativa do município, a primeira é imediatamente inferior a *Presidencia* do *ayuntamiento* e a segunda imediatamente inferior a *Jefatura de tenencia*.

Enquanto a autoridade política administrativa máxima está centralizada na *cabecera municipal* de los Reyes, a administração do território comunal, a qual conserva a suas formas tradicionais, se centraliza em Pamatácuaro (uma *jefatura de tenencia* como San isidro). Esta administração é composta por pessoas (uma ou duas) eleitas em assembléias, contando com representantes das comunidades, para, nas palavras de Gerardo: “...*resguardar los bienes naturales, defender la integridad de los bienes comunales: territorios, bosques, água etc.*” Estes representante têm auxiliares “*sub-representantes*” em cada comunidade, cada *pueblo*. Outro aspecto considerado tradicional mantido pelo povo de San Isidro são as *faenas*, jornadas de trabalho coletivo em obras públicas – consertar estradas, ruas, construir e reformar prédios de uso comunitário etc.⁴².

Uma das características das comunidades Purhépecha que vivem nas regiões serranas são as *trojes*, casas características da arquitetura tradicional destas regiões. São confeccionadas em madeira de pinheiro e montadas sem o uso de pregos ou outros materiais de ferro. São desmontáveis, o que permite o seu transporte de um local a outro, caso seja

⁴¹ O caráter civil-religioso combina o poder civil de administração dos municípios com o poder de representantes de comunidades vinculadas a congregações religiosas organizadas em torno de santos católicos, os *patronos*. De acordo com o *sistema de cargos*, os moradores de determinado *pueblo* ou *cabecera municipal*, organizados por bairros, se vinculam a comunidades organizadas em torno de congregações religiosas e santos católicos, a partir das quais (cumprindo um calendário de datas festivas) são distribuídas as responsabilidades e obrigações, de acordo com o status que cada um conseguiu atingir na hierarquia comunal: semaneros, mayordomos, regidores e principales. Sobre os *sistemas de cargos* na região Purhépecha, ver: Sepúlveda y Herrera, María Teresa. *Los Cargos Políticos e Religiosos en la Región del Lago de Pátzcuaro*, ob. Cit., 2003. Nos depoimentos de pessoas mais velhas são relatadas situações de festas em que existiam *cargueiros* em Uringuitiro. Talvez pelo fato de ser a comunidade de origem tenha sido mais conservadora no que diz respeito aos aspectos do sistema político-religioso tradicional, do que San Isidro.

⁴² Informações obtidas em depoimentos gravados com os professores Gerardo Alonso e Abelardo Diego Nazario (em julho e agosto de 2005). Gerardo acredita que as *faenas* tendem a desaparecer, visto que com a emergência dos programas de apoios governamentais ou programas compensatórios, as pessoas esperam benefícios imediatos: bolsas, cestas etc. Além disso, o financiamento de alguns projetos voltados para a auto-sustentação, permite a remuneração pelos serviços prestados, o que não incentiva o trabalho coletivo, não remunerado.

necessário. Para os especialistas na confecção deste tipo de moradia, da forma como os Puhrépecha as constroem, elas são adequadas às diferentes estações do ano, isolando o frio em épocas de baixas temperaturas e protegendo do calor durante os dias mais quentes. Entretanto, na medida em que a madeira se torna escassa, o que dificulta a manutenção das *trojes* existentes e a construção de novas, algumas famílias adotam modelos arquitetônicos comuns nas cidades da região ao construírem suas casas. Este é o caso das famílias que dispõem de maior poder aquisitivo, como é o caso dos professores e dos que migram para trabalhar nos Estados Unidos.

Comparadas com comunidades Puhrépecha de outras regiões, San Isidro e Uringuitiro, como outras comunidades da Meseta Puhrépecha, que vivem nas partes mais altas da serra, devido à escassez de água e à pequena quantidade de terra cultivável, contam com poucas alternativas para o desenvolvimento de projetos produtivos⁴³. A maioria destas comunidades é apontada pelas classificações oficiais como de “*bajos recursos económicos*”, e situadas em “*zonas marginadas y deprimidas*”⁴⁴.

Os *bosques* (de pinheiros e encinos), já não são tão generosos como antes e mal conseguem fornecer madeira para construção e reforma das casas, para lenha e diversas atividades de carpintaria. Estas atividades, possibilitadas pela extração da madeira, são mescladas com outras atividades econômicas de subsistência, como plantios em pequena escala e a criação de rebanhos compostos por animais como vacas, cabras, cavalos e, principalmente, ovelhas. Nas duas comunidades, praticamente todas as famílias têm os seus próprios rebanhos, os quais são transportados diariamente aos bosques e locais de roças em pousio (por crianças e pessoas mais velhas, os *mayores*) onde pastam por todo o dia e são reconduzidos, no final da tarde, ao *pueblo*, onde passam as noites, presos em currais localizados nos “quintais” das casas. As pequenas ilhas de terras mais férteis que são aproveitadas para o cultivo, enquanto recuperam a fertilidade do solo, também são utilizadas como locais de pastagem para os rebanhos.

Dada a diminuição da quantidade de madeira, devido a incêndios e à exploração não planejada dos *bosques*, bem como à falta de oportunidade de emprego para a população, a migração para o trabalho (*labour migration*) é muito freqüente entre estas comunidades. Os destinos dos emigrantes são: regiões vizinhas mais urbanizadas ou capitais como Morélia, Guadalajara e Cidade do México (onde trabalham na construção civil ou no comércio), para

⁴³ As partes mais altas da serra localizam-se não só no município de Los Reyes, mas também em Tangancícuaro. Estas regiões são chamadas, pelos vizinhos de partes mais baixas, de *tierra santa*, dado o grande número de *pueblos* que, ao invés de terem nomes Puhrépecha, possuem nomes de santos católicos, tais como: San Isidro, San Antonio, San Marcos, San Benito, Santo Rosa, San Luis, San Pedro de Ocumicho, entre outros.

⁴⁴ Cf. Instituto Nacional Indigenista. *Programa de Desarrollo Regional de la Meseta Purépecha*. Patzcuaro: PNUD/INI/SEMARNAP/PAIR, 1998.

propriedades de produção agrícola local ou de Estados vizinhos (para a colheita de abacate, tomate, pimenta e outras frutas e verduras), bem como para estados agrícolas dos Estados Unidos.

Na maioria das vezes a migração é temporária (*Labour Migration*). Famílias inteiras se deslocam para regiões vizinhas, em temporadas de plantio ou colheita nas propriedades agrícolas regionais. Muitas vezes vão apenas os maridos enquanto as esposas com filhos pequenos permanecem em casa na companhia de outros membros da família extensa. Outras vezes, vão os casais com os filhos mais velhos enquanto os menores permanecem sob os cuidados de tios e avós., Muitos vão ilegalmente, ou, em expressão local, vão “*de mojado*”, trabalhar nos Estados Unidos. Alguns ficam vivendo lá retornando periodicamente aos seus *pueblos*, em ocasiões festivas. Entre os muitos relatos ouvidos, está caso do esposo de uma professora que vive e trabalha em San Isidro. Segundo o relato desta professora, seu marido se encontrava nos Estados Unidos trabalhando numa região agrícola. Havia ido há pouco tempo e, pela segunda vez, cruzara ilegalmente a fronteira em busca de trabalho. Muito preocupada e ansiosa, ela aguardava o telefonema do marido para saber como ele havia feito *el paso* e se havia *pasado con bien*. Após receber notícias, a professora contou que, de um grupo de parentes que tentaram atravessar a fronteira, apenas o seu marido conseguira passar, tendo perdido o contato com os demais.

De acordo com os relatos acerca da travessia, o marido da *maestra*, após chegar à fronteira, teria caminhado pelo deserto por três noites, sempre parando durante o dia para se esconder em alguma localidade isolada. Ele, ainda sob estado de choque, teria relatado o seu próprio sofrimento e de outras pessoas que vivenciaram a mesma experiência. Dizia ele que ainda não conseguira dormir e descansar, pois sempre que adormecia tinha pesadelos e revivia cenas presenciadas na trajetória, tais como a presença de pessoas mortas que iam ficando pelo caminho.

Mas a referida professora, apesar de reclamar a falta de *seu esposo* e temer os perigos que ele tem enfrentado, justifica a atitude do marido dizendo que na região não há empregos e que, trabalhando nos Estados Unidos, ele estava podendo proporcionar aos filhos maior conforto e melhores condições de estudos que ele próprio não tivera. A professora ressalta que só assim puderam construir uma casa mais confortável para a família e que, graças às remessas de dólares vindos dos Estados Unidos, também já possuíam um carro⁴⁵.

Os Purhépecha são apontados pelas estatísticas nacionais entre os povos indígenas do país que mais migram. Esta também é uma característica do Estado de Michoacán, sendo que,

⁴⁵ Informações pessoais e entrevista gravada com Florinda, professora do *Jardín de Niños*, agosto de 2005, em *San Isidro, Meseta Purhépecha, Michoacán, MX.*

no referido Estado, são os indígenas os principais migrantes que se deslocam não só para as cidades maiores de Michoacán como também para a capital federal e cidades de outros Estados e até dos Estados Unidos, sobretudo pelas oportunidades de trabalho que oferecem, principalmente na agricultura⁴⁶. Segundo o documento “Estado del Desarrollo Económico y Social de los Pueblos Indígenas de México”, os principais destinos dos Purhépecha migrantes são: Chihuahua (no Estado de mesmo nome), Puerto Vallarta e Guadalajara (em Jalisco), Salamanca (em Guanajuato), Ciudad Obregón (em Sonora), Colima (estado de Colima), além de algumas cidades da Baixa Califórnia, nos Estados Unidos, tais como Mexicali e Tijuana⁴⁷.

Em toda sub-região da Meseta Purhépecha, a busca de trabalho nos Estados Unidos é recorrente, sendo o caso acima descrito apenas um entre vários. No período em que foi realizada a pesquisa etnográfica que subsidiou a elaboração deste texto, de março a setembro de 2004, em praticamente todas as residências visitadas, as pessoas ressaltaram a ausência de algum membro da família. Geralmente, homens casados e com filhos que deixam a suas famílias por longas temporadas e se aventuram a cruzar a fronteira, muitas vezes ilegalmente em busca de trabalho. Alguns, após dias e até mesmo meses de espera pelo momento certo para serem conduzidos na travessia, ou depois de muitas tentativas frustradas, desistem. Às vezes, após contatar a família permanecem na fronteira à espera que lhes mandem algum dinheiro para a viagem de volta pra casa.

Considerações Finais

As atividades econômicas do povo Purhépecha – que de modo geral, abrangem principalmente a agricultura, a criação de animais, o aproveitamento florestal, a pesca e a confecção de distintos tipos de artesanatos – embora tenham alguns elementos comuns, tais como a presença da agricultura de subsistência e a produção artesanal, variam de acordo com as características de cada sub-região.

Os habitantes das ilhas e margens do Lago de Pátzcuaro são reconhecidos e se auto-reconhecem como comunidades de pescadores, ou que têm o seu modo de vida baseado na pesca. Esta característica está presente nos mitos e se manifesta nos rituais religiosos das

⁴⁶ Anderson, Warren D. “La Migración P’urhépecha en la Región del Oeste Medio de Estados Unidos: historia y tendencias actuales.” In: *Indígenas Mexicanos Migrantes en Estados Unidos: Construyendo Puentes entre Investigadores y Líderes Comunitarios* (Conferência proferida na Latin American and Latino Studies Department (LALS), na *University of California*, Santa Cruz, em Outubro de 2002).

⁴⁷ Anderson, Warren D. “Indígenas Mexicanos Migrantes en Estados Unidos: Construyendo Puentes entre Investigadores y Líderes Comunitarios”. UCSC Inn & Conference Center, 11-12 Octubre, 2002, Ocean St., Santa Cruz, CA (<http://www.lals.ucsc.edu/conference>), e Instituto Nacional Indigenista. “Desarrollo, Marginalidad y Migración”. In: *Estado del Desarrollo Económico y Social de los Pueblos Indígenas de México: México, 1996-1997*, Tomo I. México: INI: PNUD, 2000, pp. 289-354.

comunidades lacustres, embora, na prática, muitas delas retirem o seu sustento mais da venda de produtos artesanais ou do uso do potencial turístico do lago e de suas ilhas, ou ainda, dependendo da disponibilidade de terras cultiváveis, da agricultura e criação de animais em pequena escala. Assim, as atividades pesqueiras são mescladas com o cultivo, principalmente do milho, com a criação de animais e com a confecção e comércio de uma grande variedade de produtos artesanais, que abrangem desde alimentos até artefatos de madeira, palha e diversos tipos de tecidos e bordados⁴⁸.

Já as comunidades da Meseta (a maioria situadas no alto de serras que podem chegar a 3.800 metros acima do nível do mar), contam com pouca terra cultivável, mas com generosos *bosques*, principalmente de pinheiros (*pinus*) e *encinos*, árvores que fornecem madeira para lenha e diversas atividades de carpintaria, tais como fabricação de caixas para empacotamento de frutas e verduras, fabricação de móveis, *guitarras* (violões), esculturas e outros artesanatos, em madeira. Estas comunidades são reconhecidas pelo uso e exploração destes *bosques*, o que é alternado com a prática da agricultura de subsistência e a criação de pequenos rebanhos, constituídos principalmente de ovelhas e cabras e, em alguns casos, também de vacas e cavalos.

As comunidades que vivem na sub-região da *Cañada de los Once Pueblos*, situadas no município de Chilchota, contam com maior quantidade de terras férteis e, devido ao uso de técnicas de irrigação, dedicam-se principalmente à agricultura intensiva, além da fabricação de produtos artesanais e do trabalho agrícola assalariado, principalmente nos municípios de Tangacícuaro e Zamora⁴⁹. Finalmente, a *Cienega de Zacapu*, localizada nos municípios de Zacapu e Coneo, é considerada como a sub-região purhépecha mais “*modernizada e amestizada*”, uma vez que suas comunidades estão submetidas a um processo acelerado de mudanças introduzidas pelo desenvolvimento industrial regional, bem como às oportunidades de trabalho que este último oferece⁵⁰.

A despeito das especificidades mencionadas, a agricultura e a produção de artesanato estão presentes em praticamente todas as comunidades purhépecha. O cultivo do milho é uma atividade agrícola básica para a subsistência das famílias, sendo, às vezes, mesclada com o cultivo de aveia, trigo, batata, abacaxi, entre outros. Em algumas regiões, se cultiva o abacate, o tomate, a pêra, o pêssego e outras frutas e verduras.

Além das peculiaridades decorrentes das características ecológicas/ambientais de cada região existe também, entre as muitas comunidades Purhépecha, uma especialização de

⁴⁸ Foster, George M. Tzintzutzan. México: Fondo de Cultura Económica, 1972 e Hernández, José Eduardo Zárate. Los Señores de Utopia: etnicidad política en una comunidad p’urhépecha (Santa Fé de la laguna). México: El Colégio de Michoacán, 2001.

⁴⁹ MÉXICO/SEDESOL. *Perfil de los Pueblos Indígenas de México* [Povo Purhépecha]. Ob. cit., 2001.

⁵⁰ MÉXICO/SEDESOL. *Perfil de los Pueblos Indígenas de México* [Povo Purhépecha]. Ob. cit., 2001.

atividades artesanais que caracteriza cada uma ou o conjunto delas. Esta organização, por tipo de produção artesanal, seria resultado da combinação de uma especialização de funções existente no período pré-hispânico, que visava a atender às necessidades de uma suposta nobreza indígena, com uma reconfiguração das atividades de trabalho das comunidades nativas, sob a liderança de Don Vasco de *Quiroga*⁵¹, primeiro Bispo de Michoacán, Don Vasco teria reorganizado estas comunidades após os períodos mais conflituosos da invasão colonial, tendo como referência o modelo utópico de Tomas More. E, com base nos recursos naturais disponíveis em cada região, incentivou a retomada das técnicas especializadas de produção artesanal, além de introduzir outras técnicas trazidas da Espanha. Assim, atualmente, os povos que vivem em *Santa Fé de la Laguna*, *Ocumicho* e *Patamban*, entre outros, são conhecidos como povos *alfareros* (ceramistas) que fabricam cerâmicas e porcelanas das mais simples às mais sofisticadas. *Quiroga* é conhecida como especializada na confecção de bateias de madeira, algumas de fino acabamento, decoradas com desenhos e pinturas feitos com ouro e prata, além de tintas comuns. *Santa Clara del Cobre* (ou *Santa Clara de los Cobres*) é especializada na fabricação de variados artefatos de cobre, desde objetos utilitários até objetos decorativos. Várias comunidades da Meseta são especializadas na fabricação de artefatos de madeira, desde pequenos objetos como pratos, garfos, colheres, brinquedos etc., até moveis e instrumentos musicais. Dentre estas últimas, vale destacar o município de Paracho, especializado na fabricação de *guitarras* (violões e outros instrumentos de cordas); peças de alta qualidade, que são exportadas para todo o país e até para o exterior. As mais perfeitas e criativas destas peças são anualmente expostas numa feira nacional realizada na sede do município, a “*Feria Nacional de la Guitarra*”

Finalmente, cabe mencionar os pequenos comércios, normalmente mantidos nas próprias residências e com funcionamento a cargo da família, especialmente das mulheres, bem como o comércio em feiras e mercados regionais, como alternativas de ingresso de recursos para a subsistência familiar purhépecha. Estas atividades são preferencialmente femininas. Na maioria das comunidades, as mulheres se deslocam transportando suas mercadorias (comidas, artefatos de cerâmica, madeira, roupas, bordados etc.) para os pontos comerciais mais próximos dos próprios povoados onde vivem, ou para municípios e cidades vizinhas para venderem os seus produtos.

⁵¹ Hernández, José Eduardo Zárate. Los Señores de Utopia. México: el Colegio de Michoacán, 2001 e Sepúlveda y Herrera, María Teresa. *Los Cargos Políticos y Religiosos en la Región del Lago de Pátzcuaro*. Morelia, Michoacán, Mx: Morevallado Editores, 2003, pp. 129-31.

BIBLIOGRAFIA

AGUIRRE Beltrán, Gonzalo. *Obra Antropológica IX - Regiones de Refugio: El Desarrollo de la Comunidad y el Proceso Dominical en Mestizoamérica*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1991.

AGUIRRE Beltrán, Gonzalo. *Obra Antropológica XII – Lenguas Vernáculas*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ALVES, Jean Paraizo. *Em Busca da Cidadania: escolarização e reconhecimento de identidades indígenas em dois países americanos (Brasil e México)*. Brasília: UnB/CEPPAC 2007 (Tese de Doutorado).

BARTOLOME, M. Alberto. *Gente de Costumbre y Gente de Razón*. Oaxaca/México: INI, 1996.

BAZÁN, Maria Cristina Oehmichen. *Reforma del Estado – Política Social e Indigenismo en México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1999.

BEALS, Ralph Larson. *Cheran: un pueblo de la sierra tarasca*. Zamora-Mich.: El Colégio de Michoacán/Instituto Michoacano de Cultura, 1992.

BONFIL BATALLA, Guillermo. *México Profundo: una civilización negada*. México, DF: Grijalbo, 1994.

BONFIL BATALLA, Guillermo. *Obras Escojidas de Guillermo Bonfil, Tomos 1,2 e 3* (Seleção Recopilação de Lina Odena Güemes). México, DF: Instituto Nacional Indigenista, 1995.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Índio e o Mundo dos Brancos*. Brasília: Ed. da UnB, 1981.

CARRETO, Enrique S.; HAM, Patrícia F. & OSÓRIO, Arnulfo A . (Coords.). *Indicadores Socioeconómicos de los Pueblos Indígenas de México, 2002*. México: INI/UNDP/CONAPO, 2002.

CASANOVA, P. G. e ROSENMANN. *Democracia y Estado Multiétnico en América Latina*. Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias Y Humanidades/UNAM, 1996.

DE LA PEÑA, Guillermo. La ciudadanía étnica y la reconstrucción de los indios en el México contemporáneo. *Revista Internacional de Filosofía Política*, n. 1995.

DIETZ, Gunther. *Teoría y Práctica del indigenismo: el caso del fomento a la Aferraría en Michoacán, México*. Quito & México, DF: Editorial Abya-Yala & Instituto Indigenista Interamericano, 1995

DIETZ, Gunther. “De la Autogestión Comunitaria a la Autonomía Regional: El Movimiento Purhépecha en México.” In: Alcántara, Manuel. *América Latina: realidades y perspectivas*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1997, pp. 584-656.

HERNÁNDEZ, José Eduardo Zárate. *Los Señores de Utopía*. México: el Colegio de Michoacán, 2001

INSTITUTO LINGÜÍSTICO DE VERANO. “*Familia Tarasca – Purhépecha (p’orhepecha, p’urhépecha)*”. Texto consultado em setembro de 2004

JIMENEZ, P. P. E Landa, M. Baez. “Modernidad, Cultura e Identidad en el México Profundo”, *América Indígena*, n.3, 1992

KYMLICKA, Will. *Ciudadanía Multicultural: una teoría liberal de los derechos de las minorías*. Barcelona: Paidós, 1996. pp. 25-55, 183-209, 239-263,

LEITÃO, Rosani Moreira Leitão. *Escola Identidade Étnica e Cidadania: comparando experiências e discursos de professores Terena (Brasil) e Purhépecha (México)*. Brasília: UnB/CEPPAC, 2005 (Tese de Doutorado).

LEITÃO, Rosani Moreira Leitão. *Discursos Étnicos e Escola Indígena: das Diretrizes Oficiais aos Discursos e Práticas de Professores Terena (no Brasil) e Purhépecha (no México)*. Goiânia: RBA (trabalho apresentado na 24ª. Reunião Anual da Associação Brasileira de Antropologia) 2006.

Brasília: UnB/CEPPAC, 2005 (Tese de Doutorado).

MARTÍNEZ, Carlos Paredes (coord.). *Lengua y Etnohistoria Purépecha: homenaje a Benedict Warren*. Morélia-Mich.: UMSNH/CIESAS, 1997.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (org). *Indigenismo e Territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro; Contra Capa, 1998.

ROSALDO, R. "La Pertenencia no es um Lujo: Procesos de ciudadanía cultural dentro de uma sociedad multicultural." *Desacatos*. México: Ciesas, 2000.

SEPULVEDA Y HERRERA, María Teresa. *Los Cargos políticos y Religiosos en la Región del Lago de Pátzcuaro*. Morelia, Michoacán, Mx: Morevallado Editores, 2003.

TAYLOR, Charles. *El Multiculturalismo y la Política del Reconocimiento*. México, Fondo de Cultura Económica, 1993.

VARGAS, Maria Eugenia. *Educación y Ideología: Constitución de una Categoría de Intermediarios en la Comunicación Interétnica. El caso de los Maestros Bilingües Tarascos (1964-1982)*. Mexico: CIESAS, 1994.